Mateus da Prata & Julião Farnel

CADASTRO

UM TANTO JOCOSO,
QUE A EXPENSAS DUM ÉDITOR
QUE MOSTRA SER CORAJOSO,
DÃO Á LUZ COM MUITO GOZO
DOIS POETAS DE VALOR

1.º milhar

MPRESSO EM LISBOA NO ANO DE MCMXXV
EM LICENÇA DAS MESAS CENSORIAS DO MAR-
INHO E BRASILEIRA ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Mateus da Prata & Julião Farnel

CADASTRO

UM TANTO JOCOSO,
QUE A EXPENSAS DUM EDITOR
QUE MOSTRA SER CORAJOSO,
DÃO Á LUZ COM MUITO GOZO
DOIS POETAS DE VALOR

1.º MILHAR

MPRESSO EM LISBOA NO ANO DE MCMXXV
SEM LICENÇA DAS MESAS CENSORIAS DO MAR-
TINHO E BRASILEIRA ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

HOMENAGEM

ÁS

"CACHOLETAS LITERARIAS,,

DE

SIMÕES CABEDO (CABRION)

CONFRADE NA GERAÇÃO

ANTERIOR

OS AUTORES

Na calçada da glória

Lugar ao TUDO-NÃO-PRESTA
Que nêste arraial das letras
E' como um bombo de festa!

A Dantas o que é de César,
A Júlio tudo o que é seu,
Pois se mais nada nos deu
E' que mais nada existia!
Nem mesmo o Júlio podia
Como quem não quer a coisa,
Abrir uma nova loisa
Doutro *Guy de Maupassant;*
Que Ceias p'ra Cardeais
Não se temperam jamais
Sem l'*Histoire du Vieux Temps.*

Memórias! Brandão de glória!
Primeiro volume: um conchêgo.
Do segundo, reza a história
Que lhe fugiu a memória
Por encontrar outro emprêgo.

Manuel Ribeiro, oiça lá!
— Não leve a pregunta a mal —
Mas você não nos dirá
Se ainda existe por cá
O autor da Catedral?...

.....

O tal?... *lo de verdad*...

Antero de Figueiredo:
Você tem falhas, talvez
Nas obras de muito enrêdo.
Passe lá por esta vez,
Aqui p'ra nós, em segredo. —

O genial Sousa Costa,
É um escritor dividido
Em rabo, cabeça e posta.
Da cabeça, ninguem gosta,
E o resto, é muito comprido.

Cansado de ser poeta
De bastante inspiração,
O Govêrno, deu-lhe a têta
De o fazer ali á preta,
Polícia de emigração.

Foi-se a musa tagarela
Vociferando em altos gritos!
E o bom do Gil atraz dela
Poz um *Craveiro à Janela*
...E a janela tinha escritos.

Bartolomeu Marinheiro,
Pão e Rosas... de papel.
Não correm o mundo inteiro,
Mas nunca deram dinheiro
P'ra São Pedro de Muel.
Da prosa pelas esquinas,
Aqui escorrega, ali cai,
E nas lutas Vicentinas
A descobrir novas minas
Lá vai no vento... lá vai!...
Segue depois *Amadis*
— Roupa velha costurada —
E das poesias que diz
Apezar de ser feliz
Ficou-lhe o Vento e mais nada!

Pela *Via-Sinuosa*
Da política literária,
O Aquilino já goza
A situação duma rosa
Vendida numa ervanária.

Na *Estrada de Santiago*
Transpondo vales e serras,
Teve o momento aziago
De ser comido e mal pago
Pelo *Demo* em suas *Terras*.

E as *Filhas de Babilónia*
Entre medonho escarcéu,
Exclamam: — Deus super omnia!
Fomos nós a obra errónia
Que o Aquilino escreveu! —

Sempre a cantar da janela
Trigo, azeite, fava e grão,
Salsa, hortelã, pimpinela!
E o triste que nada apela
Anda magro como um cão!

Tem poemas de mão-cheia,
E sob tão bons auspícios,
Que o irmão traz na idea
Negociar esta veia
De géneros alimentícios.

Os filhos da «ÁGUIA»

Na Renascença do norte
A ageitar-se pouco a pouco,
Sem ter nada que a conforte,
Á espera da bôa sorte
A Águia poz-se no chôco.

D'ali saiu Cortezão
— *Gloria-Humilde*, afinal —
Como qualquer cidadão
Deputado p'la nação
Anichou-se menos mal.

Segue depois Leonardo
Cuimbra, terra d'amôres.
E o Homem-Cristo, esse cardo,
Ao Imbra joga-lhe um dardo
E deixa o resto aos doutores.

Mario Beirão, que é da grei,
Já poz as barbas de môlho.
E Vila-Moura... não sei,
Mas é conforme co'a lei
Que manda aos outros ter ôlho.

Casimiro, o tal Augusto,
Por não ter versos capazes
Chega a dar-nos cada susto,
Que é a custo, a muito custo
Que se *grama* entre os rapazes.

E Pascoais entre os novos,
Sincero, grita por fim:
— Santo Deus! Que ultraje aos povos!
Goraram todos os ovos,
Todos galados por mim!

II

No Martinho

Já que estamos no caminho
De topar homens de génio,
Vejamos se no Martinho
Tão falho de oxigénio
Há cepa que dê bom vinho.

. . . . . .

Que é isto?! Deixem passar!
São Esaguys... e depois,
Um em prosa, outro a rimar...
Ai! se não morre um dos dois
Onde é que isto irá parar!

Tudo feito, nada feito;
Nas letras, um ferro-velho.
Disse tudo com respeito
Ao valor dêste sujeito
O Grão Trindade-Coelho: —

«Carlos Amaro tem génio,
Mas génio de grande G.
É como o oxigénio:
Existe, mas não se vê!»

Celestino de Soares,
— Á gente não nos importa
Muito embora se dê ares —
Nunca chega aos patamares,
Fica sempre á meia porta!

E chega ao fim, azarento,
A perder no peditório
Soltando frases ao vento,
Das que não dão pró sustento
Nem mesmo pró farelório.

Todos lhe chamam Durão,
E é tão macio a rimar
Em rimas de pé prá mão,
Que parece e com razão
Que as rimas vão acabar.

Rima sempre — Deus louvado! —
Que prodigio de menino!
Quando fica ao nosso lado
E nos diz versos, coitado!
Faz sono... mas é tão fino!

Qual a coisa, qual é ela,
Que é tal e qual o Grandela
Com saldos á quinta-feira?

Com gatinhos de veludo,
Com artes, manhas e tudo,
Com tudo quanto se queira?
Arquitecturas baratas,
Tendências ministeriais,
Belas-Artes, pataratas,
Banquetes e funçanatas
Para comer junto aos mais?
Não adivinham talvez...
Pois muito bem: é Pacheqqqo
Pacheqqqo de muitos quês.

O Fernandinho é Pessoa
Com tantos nomes dispersos,
Que não se encontra em Lisboa
Arrebanhados à toa
Apelidos tão diversos!

Isto nêle é tão banal
Como a destreza num pôtro.
Se a obra encarreira mal,
Pensa a gente: É natural!
Se não é dêle... é do outro!

Foi Santa Rita do Minho
Com quem êle se apegou,
Casto e puro como o linho,
Que o fez poeta e gaguinho,
E Santa Rita ficou.

Mas dizem vários escritos
E certas linguas de agoiro,
Com paladares esquisitos,
Que o *Mundo dos* seus *Bonitos*
Nasceu dum *Bezerro d'Oiro.*

No Martinho, aonde está
Como um relógio de cuco,
O pequeno Mário Sá
A falar de lá p'ra cá
Parece o Pinheiro-Maluco.

Falcão sem bico e sem garra:
Oh Falcão, que fazes tu
Nessa figura bizarra?
Se atrás da grande fanfarra
Vais triste como um peru!

III

Na Brasileira do Chiado

Gualdino, é bom parar!
Não lhe fatiga o trabalho
De nunca realisar?
E andar sempre a *gualdinar*
Como dizia o Fialho?

Dom Vitóven de Braga,
Ás vezes dão-lhe tais ganas,
Que — oh Deus! — se não fôra a praga
De coçar na própria chaga,
Amava mais levianas!

Doutor Alfredo Cortez:
Diga-nos lá por favor,
E pela primeira vez
Se em tudo aquilo que fez
Lhe sobeja algum valor?

Da Zilda não vimos nada;
O Lôdo... esse caiu,
E a Rey-Colaço, coitada,
Lá anda preocupada
No papel que lhe impingiu.

Noite-velha. E numa aldeia
Co'os *Lobos* ao desafio
Uivava o João Correia
De voz cavernosa e feia: —
— O Lage, nunca existiu! —

E o Lage que não é pêco,
Lá de longe respondia:
Olha lá, meu grande méco!
Nunca passaste do éco
Daquilo que eu te dizia!

Almada Zé do Egito,
Não é feio não senhor.
É engraçado e bonito.
Que pena o sestro maldito
De se meter a escritor!

E escreve o alma-danada!
Vingança dos ancestrais,
Que na libata ignorada
Usavam lindos corais,
Mas nunca escreveram nada.

Quem não viu nunca a mestria
Do grande gazetilheiro
Que talentos irradia,
E que se chama hoje em dia
João Fernandes, Carneiro?

Esta quintilha não mente:
Oh senhor Rocha Martins!
Muito embora ande contente,
Pede por nós toda a gente:
Não faça mais folhetins!

Artistas lá lá da tripeça
Que nos olhais de soslaio!
Embora a gente se esqueça
Nunca nos preguem a peça
Das peças de Afonso Gaio!

D'Alvaro Maia-Juvenal
Pregunta-se em parte incerta:
Quando sai dêle afinal
Essa obra colossal
Que ele traz tão encoberta?

Ferreira Gomes (Bugalho)
Tem metro e dez mesmo assim.
Pela falta de trabalho
Ha-de vender-se a retalho
E a pataco o salamim.

Dom José de Caparica
Dos Castelos de Morais,
Nunca sabe aonde fica.
Mas se apanha fava-rica
Caramba! Assenta arraiais!

IV

No Bêco do Fala-Só

De capindó mulheril
Chiado abaixo, lá vai
O Albino Prosa-Vil
Dentro daquele funil
Que toda a gente distrái.

Académico saiu.
—O rapaz anda contente,
Está mais quente, não tem frio...
.....
Parabens a toda a gente
E à Minerva que o pariu!

Alfredo Pires, o doutor
Que de orquídeas se alimenta,
Arranjou como escritor
Um apelido maior
E diz chamar-se Pimenta.

E sem mais tir-te nem guar-te
Resolve ser imortal
No *chá das cinco* da arte.
Pois o Pimenta afinal
É um *pires* em qualquer parte.

Das coisas que diz do *front*,
Trincheiras, *Maltas* e tudo,
Cet petit Napoléon,
Portuguesinho bem bom
Traz sempre o *front* num canudo.

E fala de tais façanhas,
— Coisas guerreiras, sarilhos! —
Como se em palpos d'aranhas
Andassem pelas Bretanhas
Praxedes, *Mulher e Filhos*.

Triumvirato de fama,
De triste glória afinal.
Pois em teatro da trama
São a mais brilhante chama
Que alumia Portugal.

Bermudes, — valha-nos Deus ! —
Diz ao Bastos, ao Ernesto,
E diz mais aos manos teus,
Que há cabeças pra chapéus
Sem precisarem do resto.

Este Ferro gordo e lento,
Entre d'Annunzio e Moisés,
É um queijo gordurento.
Transpira menos talento
Do que transpira dos pés!

Se lhe dá p'ra discursar
Com fraseados marotos,
A gente *põe-se a cavãr*,
E o Ferro fica a falar
Em nuvens de perdigôtos!

Oh Bôto, porque não lê
O Candido Figueiredo?
Pois é lá, na letra B
Que existe o grande segrêdo
De tudo quanto é você.

Naquela pele de Marta,
Anda um Cardoso encoberto.
Tudo escreve e não se farta!
Mas se fosse ao raio que o parta
Era assim que estava certo!

Norberto, tenha cuidado!
Norberto, espere um momento;
Não seja tão apressado,
Que o mundo fica encravado
Se não suspende o talento!

Leitão de Barros, tem graça!
Entrou nas artes de banda.
E para maior desgraça,
Faz que anda mas não anda,
Faz que passa, mas não passa!

... De Teatro

De Teatro? Mas porquê?
Porque a revista afinal
Imprime tudo o que vê?
Sem vêr que dentro é que é
De efeito mais teatral?!

Se é lá que vivem contentes
Mários, Carvalhos, Majores;
E todos inteligentes
Na Praça do Tira-Dentes,
—Isto é, Restauradores.

Augusto Pina! Ora tomem!
Já não parece quem é.
Há coisas que nos consomem,
Chamar-se Pina a um homem
Sem ninguem saber porquê!

O Luis Pinto é da roda
Da *gaucherie* nua e crua.
Anda tão fóra de moda,
Que a gente até se incomoda
De o encontrar pela rua!

V

No Jardim das Albertas

Se uma Flor-bela Espanca
Em versos de nomeada,
Porque será que não estanca
A graça de Vila-Franca
Da Dona Alice Pancada?!

Porque será igualmente,
— Não levem pró mau sentido!—
Que a Quaresma impenitente,
Sendo Virgínia, sómente
Não gosta do apelido?!

Por detestar toda a gente
Que tenha os queixos barbados,
Com um truc inteligente
Vende *Apaixonadamente*
Centenas de *Namorados*.

E p'ra não estar com maçadas
A escritora que é prudente
Vai editar Namoradas,
Que por serem mais prendadas
Não se esgotam facilmente.

Negociantes de coiro
Pagãos de luva e galocha:
Se não abris o tesoiro
Ás *Setas de Pontas d'Oiro*,
A senhora fica *á brocha!*

Por dez reis de mel-coado
Podeis comprar-lhe os motêtes,
Que em versos de pé quebrado
Dona Beatriz Delgado
Nem ganha prós alfinetes!

Vinte e oito primaveras
De Clarinha, já se vê.
O resto, doces quimeras
Daquelas passadas eras
De que ela própria descrê.

Continua a viver mais
Olhando o mundo, inocente...
E entre suspiros e ais
Lá vai escrevendo em jornais
Dando chás a toda a gente.

Don'Ana de Castro Osório:
Nas suas obras, ao menos,
De tanto conto irrisório
Modifique o reportorio!
Pedem por nós os pequenos!...

Dona Fernanda de Castro
Os versos em que se perde
São luz caida dum astro!
Acaso anda no rastro
Do grande Cesário Verde?!

VI

Na Estalagem dos Camilos

Nos louvores que para a história
Surgiram como um arranco
A perturbar-lhe a memória,
Desdenhou da própria glória
Camilo Castelo Branco.

E a figura colossal
De tristissimo fadário
Gritou do mundo irreal:
«Em que paródia boçal
Caiu o meu centenário!»

Talentos de vão requinte,
«Vergonha de visigôdos!
«Não ha escritor que vos pinte
«Em pleno século vinte
«Patetas como sois todos!

«Eu que zurzi vossos pais,
«Aqui de longe, adivinho
«Que as orelhas que ostentais,
«Não precisam crescer mais
«P'ra dar a volta ao focinho!

«Se entre folhas e folhécos
«Da minha oculta Babel,
«Andam vários badamécos
«A dar-me cabo da pele
«E a leiloar-me os tarécos!

«E um discip'lo bem amado,
«—Ai, quem lhe dera uma sova!—
«Depois de velho e cansado
«Tambem fez na minha cova
«A triste urina dum fado!»

«'Té o livreiro Morais
«Que me vende sem razão,
«Não podendo vender mais,
«Com malicias infernais
«Põe-me o *'squeleto* ao balcão!

«—Lobos famintos, comei!—
«Como dizia o Tomás.
. . . . . .
«Isto que hoje lhes contei
«Digam á turba que o sei,
«E agora... deixem-me em paz!»

De pé no estribo

Talentos de grande porte
Que nos sabeis entender:
Somos artistas de córte...
Andai lá que estais com sorte
Por agora. Até mais vêr?

E vós plateia risonha
Que nos sabeis escutar:
Acreditai que isto é ronha
A presumir de peçonha
Prós fazer arreliar.

—Composto e impresso na Tip. da—
GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO
Rua da Horta Sêca, 7
LISBOA